

ESPORTE E GÊNERO: REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA DO PROCESSO CIVILIZADOR

Lídia dos Santos Zacarias
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Este texto apresenta algumas considerações acerca do esporte e gênero a partir da teoria do processo civilizador de Norbert Elias e Eric Dunning. Traz algumas reflexões a respeito do esporte como indicador do processo civilizador e destaca as relações de mudança no equilíbrio de poder entre os sexos.

Palavras-chave: Esporte; gênero; processo civilizador.

As transformações das relações entre os sexos é anunciada por diversos autores como uma das questões sociais mais importantes do século XX¹. Isto também é feito por Eric Dunning no último capítulo do livro *A busca da excitação*², no qual se dedica a analisar o esporte como uma área masculina reservada. Mas o que significa estar pensando as questões de gênero mediatizados pela teoria do processo civilizador de Norbert Elias e Eric Dunning? Como essa teoria pode iluminar a análise das transformações nas relações entre os sexos e como isso tem acontecido no campo das atividades esportivas? Sem dúvida são questões complexas e, nesse momento, gostaria de trazer iniciais reflexões acerca do esporte como indicador do processo civilizador³, com destaque para as relações de mudança no equilíbrio de poder entre os sexos.

Norbert Elias, na Introdução do livro *Em busca da excitação*, aproxima o surgimento do esporte à estrutura da sociedade daquela época. Analisa que um tipo de atividades de lazer assumiu as características de esporte no século XVIII na Inglaterra, período em que também acontece a formação do estado parlamentar.

Entre as principais necessidades do regime parlamentar, tal como esse emergiu no decurso do século XVIII, encontra-se a capacidade de uma facção ou partido no governo dominar os seus adversários através de um cargo público sem usar a violência, desde que as regras do jogo parlamentar assim o exigissem.⁴

Isso quer dizer que a sociedade parlamentar inglesa anunciava um tipo de convivência e confronto não violento e, desse modo, tiveram de aprender novas competências técnicas e estratégias a serem utilizadas nessa relação de confronto, porém não violenta.

De forma semelhante, mas não numa relação causa efeito, as atividades de lazer passaram também por um aumento da pacificação e da regularização, assim enfatizado por Elias nessa passagem: “Tal como emergiram no século XVIII, quer o desporto quer o parlamento eram característicos da mesma modificação na estrutura do poder em Inglaterra e nos hábitos sociais desse grupo de indivíduos que emergiu de lutas anteriores como o grupo dirigente.”⁵

Essas novas formas de convivência e a diminuição nos aspectos da violência no esporte são analisadas como um dos aspectos do processo civilizador. E no esporte há, além da diminuição da violência, maior regulamentação.

As modificações nas regras e o nível de violência aceitos nas competições esportivas são diversas vezes apresentadas e analisadas no decorrer do trabalho dos autores. Ao se referirem aos jogos da antiguidade clássica e em comparação com os jogos dos séculos XIX e XX, Elias e Dunning mostram que os primeiros, em provas como o pugilismo e a luta, admitiam um grau muito mais elevado de violência. Dão o exemplo do Pancrácio, um tipo de luta no solo realizada nos jogos olímpicos, em que o nível de violência permitido era muito diferente do que é permitido hoje, na luta de estilo livre contemporânea. É interessante destacar o trecho no qual mostram um pouco da forma que era realizada a luta:

Havia um juiz mas não um cronometrista, não existindo limites de tempo. A luta durava até que um dos oponentes desistisse. As regras eram tradicionais e não escritas, indiferenciadas e na sua aplicação eram, por certo flexíveis. Parece que, tradicionalmente, morder e arrancar os olhos era proibido. Mas, antes que o juiz pudesse afastar um agressor dominado pela fúria do combate, quando este era afastado do seu oponente o dano já estava consumado.⁶

Vale ressaltar, de acordo com o pensamento dos autores, que a análise em relação ao nível de violência observados em jogos de períodos passados não pode ser realizada como resultado de um empreendimento individual e nem com os padrões de controle da violência da nossa própria forma de viver em sociedade.

É importante compreender a existência de um ethos guerreiro na estrutura da sociedade antiga, em que era permitido, por exemplo,

¹ Heloísa Buarque de HOLANDA, na introdução do livro *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura reconhece o pensamento feminista como um dos traços mais salientes da cultura pós-moderna*.

² ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

³ O esporte e o processo de esportivização das atividades de lazer, junto com a criação do Parlamento Inglês e as regras de etiqueta de convívio social são temas fundamentais na análise de longa duração feita na teoria do processo civilizador.

⁴ *A busca da...*, p. 51.

⁵ *Ibid.*, p. 68.

⁶ *Ibid.*, p. 202.

a uma pessoa morta num combate olímpico, de pugilato ou de luta, ser coroada vencedora e o assassino não ser punido e nem estigmatizado.

A comparação dos níveis de violência nos combates de jogos da Grécia antiga ou nos jogos populares da idade média com os esportes atuais revela o processo de civilização. Porém, os autores chamam atenção para o fato de não ser um processo linear e para o entendimento que, “o nível variável de civilização nas competições de jogos mantém-se incompreensível se não for relacionado, pelo menos, com o nível geral de violência socialmente permitida, com o nível da organização do controlo da violência e com a correspondente formação da consciência em causa”⁷.

Os jogos populares ingleses foram se desenvolvendo no sentido de maior regulamentação e uniformidade e o primeiro desenvolvimento na linha da modernização do esporte ocorreu no séc. XIX, nas escolas públicas. Apesar de passarem a sujeitar-se as regras escritas não estavam totalmente isentos da violência, como demonstra Dunning quando utiliza a descrição de um jogo de rãguebi feita por um estudante, publicada em 1860. Na análise destaca a noção de virilidade que ainda caracterizava o jogo nesse período.

No caso da discussão de gênero e processo civilizador há que se considerar, do mesmo modo, as relações com a violência e o nível de desenvolvimento em que a sociedade se encontra. Dunning julga que a oscilação do poder tende a favorecer os homens nas sociedades guerreiras, de elites militares e também onde há condição para produção e reprodução de bandos de lutadores. Para o autor,

(...) é que as hipóteses de poder dos homens terão tendência para se reduzirem e as das mulheres para aumentarem sempre que na sociedade global ou numa das suas áreas as relações se tornarem mais pacíficas, nos casos em que as oportunidades de as mulheres se empenharem em ações unitárias vierem a aproximar-se ou a exceder as dos homens e na medida em que diminua a segregação dos sexos.⁸

Esta análise pode ser feita também em analogia ao desenvolvimento do esporte. Os jogos populares expressavam uma forma extrema de regime patriarcal, no qual o equilíbrio de poder inclinava nitidamente para os homens. Os esportes de confronto tem raízes em jogos populares que eram praticados de acordo com regras transmitidas oralmente e neles participavam muitas pessoas. “Os jogadores envolviam-se numa expressão relativamente livre de emoção e exerciam apenas uma forma vaga de autocontrolo.”⁹ Esses jogos correspondiam a uma estrutura da sociedade onde a violência era manifesta na vida cotidiana e o equilíbrio de poder entre os sexos se inclinava nitidamente a favor dos homens. Expressavam uma forma extrema de poder patriarcal.

Se o esporte surge como uma área reservada aos homens, ainda no esporte moderno essa reserva toma corpo quando o assunto é futebol, boxe, halterofilismo e outros esportes identificados como masculinos. No entanto, esta constatação, a meu ver, enriquece a possibilidade de perceber novas configurações nas relações entre os sexos, assim como o surgimento de novos significados culturais, quando da intensificação da participação das mulheres no campo esportivo.

Uma análise feita por Norbert Elias em *Introdução a sociologia*, pode contribuir nesse entendimento das relações entre os sexos. O autor pretende demonstrar através de uma exposição de modelos de jogos como os indivíduos, devido a sua interdependência, formam um tipo de configuração. Explica que pretende demonstrar: “como se fosse um tipo de experiência mental, por meio de uma série de modelos, o modo como se entrelaçam os fins e ações dos homens”¹⁰.

Esses modelos se baseiam em duas ou mais pessoas que medem suas forças e, por isso, suas ações se relacionam com o poder. No entanto, é fundamental considerar que Norbert Elias chama a atenção para o fato de muitas pessoas considerarem o poder um termo ruim e para ele isso,

deve-se ao fato de, durante todo o processo de desenvolvimento das sociedades humanas, o equilíbrio de poder ter sido extremamente desigual; pessoas ou grupos de pessoas com possibilidades relativamente grandes de acesso ao poder, exerciam habitualmente essas possibilidades em pleno, muitas vezes de um modo brutal e sem escrúpulos, tendo em vista os seus próprios fins.¹¹

Prossegue com a idéia que o poder é um elemento integral de todas as relações humanas e oferece como exemplo uma relação entre pais e filhos em que a criança, desde que nasce, tem poder sobre os pais e não só os pais sobre a criança, a menos que eles não atribuam nenhum tipo de valor a elas. Da mesma forma, mesmo que distribuídos muito desigualmente, nas relações entre senhor e escravo, um e outro exercem poder entre si. Suas palavras são que: “o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não, é uma característica estrutural das relações humanas- de todas as relações humanas”¹².

Isso nos remete a pensar que em análises de gênero a questão do poder é muito complexa e desse modo, deve ser pensada de forma relacional e de vários ângulos. Essa idéia, de certa forma, acompanha as próprias reflexões conceituais sobre o gênero que, em substituição ao termo mulher, vem abarcar as relações entre mulheres e homens. Nos estudos de gênero as mulheres podem, numa crítica à dominação, deixarem de ser vítimas e de considerarem os homens como inimigos¹³.

⁷ Ibid., p. 211.

⁸ Ibid., p. 392.

⁹ Ibid., p. 395.

¹⁰ ELIAS, Norbert. *Introdução a sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 78.

¹¹ Ibid., p. 80.

¹² Ibid., p. 81.

¹³ Nesse sentido, destacamos o trabalho de Natalie DAVIS. Em *As mulheres por cima*, relata os usos de inversão sexual, especialmente o jogo com a imagem da mulher desregrada na literatura, nas festas populares e na vida cotidiana no início da Europa moderna. A mulher desregrada dá livre vazão ao que é inferior a si mesma e procura governar seus superiores. Para a autora: “Pôr em cena a mulher desordeira é, em parte, uma oportunidade de liberação temporária da hierarquia tradicional e estável, mas é também, parte do conflito sobre os esforços para mudar a distribuição básica de poder na sociedade. A mulher por cima poderia até facilitar a inovação na teoria histórica e no comportamento político.” In: *Culturas do povo*. São Paulo: Paz e terra. p. 113.

Se as relações entre os sexos for analisada através dos acontecimentos esportivos de grande relevância mundial, como por exemplo os jogos olímpicos, percebe-se um espaço ocupado prioritariamente pelos homens. Porém, a presença feminina vem tornando-se cada vez mais intensa e diversificada, revelando uma história de ousadias, lutas e controvérsias.

Pode-se considerar o ano de 1928 um marco em relação a participação feminina nos jogos olímpicos. Se nas oito olimpíadas anteriores haviam participado 298 mulheres contra 14.572 homens, em 1928 eram 290 atletas do sexo feminino e pela primeira vez disputaram provas do atletismo, até então restritas aos homens. É nesse ano também que o Barão de Coubertin pediu demissão do cargo de presidente de honra do Comitê Olímpico Internacional, acusando os seus seguidores de trair o ideal olímpico ao permitirem a presença das mulheres¹⁴. Outro acontecimento importante foi a prova de 800m do atletismo que causou grande controvérsia e foi retirada dos jogos subsequentes, só voltando a ser disputada por mulheres em 1960, nos jogos olímpicos de Roma¹⁵.

Embora rompida a barreira de participação, as atletas femininas continuaram sofrendo algum tipo de resistência. Em 1968 passaram a ser submetidas a exames clínicos para a comprovação do sexo, o que não aconteceu para os homens¹⁶.

Na mais recente reunião olímpica, realizada em Sidney (2000), o atletismo cede espaço para as mulheres em algumas das últimas provas consideradas exclusivamente masculinas: o lançamento do martelo, o salto com varas e o decatlo. Nessa olimpíada as mulheres estiveram presentes em 25 dos 28 esportes incluídos no programa e, pela primeira vez, participaram no mesmo número de esportes por equipes que os homens¹⁷.

Em relação ao futebol feminino, também recentemente foi disputado nos jogos olímpicos, em 1996. Nessa modalidade, o primeiro campeonato mundial aconteceu em 1991 e os EUA, grande destaque, têm seleção permanente desde 1985¹⁸. É interessante destacar que no Brasil, já houve proibição às mulheres a prática do futebol e de outros esportes, por determinação do Conselho Nacional dos Desportos. A deliberação no. 7/65 regia que às mulheres: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia (...)”¹⁹.

Algumas mudanças aqui registradas e muitas outras que aconteceram ao longo do desenvolvimento dos jogos esportivos, podem chegar aos nossos olhos como insignificantes ou pequenas demais diante do que há para ser conquistado pelas mulheres. No entanto, a partir da teoria do processo civilizador, podem contribuir para a reflexão acerca do equilíbrio de poder entre os sexos e das mudanças civilizadoras em relação a participação feminina no mundo esportivo.

Gostaria de valer-me das palavras de Ludmila Mourão, num estudo sobre a significação das representações associadas a mulher brasileira nas atividades físico-esportivas de 1870 a 1950. Embora o tema da pesquisa tenha tratado da participação de mulheres brasileiras nas atividades esportivas, parece ser semelhante a trajetória feminina no envolvimento com os grandes eventos esportivos do século XX:

Os resultados indicam algumas mudanças expressivas no processo de emancipação da mulher no esporte. As evidências apontam para liberação crescente da prática esportiva feminina: maior mobilidade da mulher no campo esportivo, diminuição das restrições à prática de modalidades esportivas consideradas masculinas, diminuição do controle da família e do contexto micro-social sobre a escolha esportiva.²⁰

Apesar do esporte moderno emergir como uma mudança civilizadora, da qual houve, mesmo que de forma tênue, um equilíbrio de poder entre os sexos, é importante considerar as expressões simbólicas envolvidas nessas relações. O que Dunning coloca é que: “uma das conseqüências foi a contribuição que deu para o desenvolvimento, em certas esferas, de expressões simbólicas do machismo.”²¹

Para finalizar, gostaria de registrar a necessidade de aprofundar as possíveis interrelações entre os estudos de gênero e o processo civilizador, através das quais, podem surgir evidências inovadoras da participação de mulheres e homens na vida esportiva.

Abstract

This paper presents a discussion on sport and gender starting from Norbert Elias and Eric Dunning's civilizing process theory. The article brings reflections on the sport as an indicate of the civilizing process and emphasis the change on power balance among the sexes.

Key words: Sport; gender; process civilizing.

Referências Bibliográficas

- CARRILLO, Luis Felipe C. Mujer y olimpismo. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 5, n. 24. 2000
 DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo*. São Paulo: Paz e terra, ?.
 ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

¹⁴ *Jornal do Brasil*. Encarte da Revista de Domingo, História das Olimpíadas.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ CARRILLO, Luis Felipe C. Mujer y olimpismo. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 5, n. 24. 2000.

¹⁸ PLACAR. Histórias do futebol. São Paulo: Abril, 1998.

¹⁹ CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994. p. 63.

²⁰ MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: de 1870 a 1950. In: *EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA*, 7, 2000, Gramado. Coletânea. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. p. 384.

²¹ A busca da..., op. cit., p. 399.

ELIAS, Norbert. *Introdução a sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.

HOLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Jornal do Brasil. Encarte da Revista de Domingo, História das Olimpíadas.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: de 1870 a 1950. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7, 2000, Gramado. Coletânea. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

PLACAR. Histórias do futebol. São Paulo: Abril, 1998.